

O sabor da espada de Banzo

Conto budista do século XIII

Yagyu Matajuro era o filho do famoso espadachim Yagyu Munenori. Desde o nascimento, Matajuro carregava a responsabilidade de um dia suceder o pai, chefe do clã dos Yagyu, uma renomada linhagem de mestres da katana. Desde cedo, no entanto, a sua preguiça obscureceu o talento ameaçando impedir que viesse a atingir o seu potencial. O seu pai, desapontado e decidido a sacudi-lo dessa letargia, deserdou e banuiu-o do dojo.

A punição foi um duro golpe, e Matajuro deixou a sua antiga vida para trás determinado a dominar a arte da defesa nem que fosse para mostrar ao pai o quanto este estava errado. Saiu assim pelo Japão à procura de um mestre à sua altura.



A viagem do jovem espadachim levou-o à província de Kii, uma região montanhosa conhecida por suas 48 cascatas, ouviu falar de um famoso mestre de habilidades incomparáveis que viveria próximo do santuário de Kumano Nachi, um dos mais antigos do Japão.

Chegado ao santuário, os monges indicaram-lhe que seguisse uma trilha pela densa floresta, no final da qual, segundo os monges vivia um eremita senil chamado Banzo que se dizia ter sido em seus dias um grande mestre na arte da katana.

Seguindo a indicação dos monges, Matajuro embrenhou-se pela mata avançando com dificuldade até chegar a uma pequena choupana. Mesmo não vendo ninguém, anunciou em voz alta:

- Eu vim aprender a arte da katana. Quanto tempo demorará para me tornar um mestre?

- Dez anos. - anunciou uma voz rouca por detrás da porta fechada.

- É muito tempo. - Matajuro sacudiu a cabeça — O meu pai está a ficar velho, em menos de dez anos terei que retornar para cuidar dele, e se eu trabalhar em dobro, praticando duas vezes mais?

- Ah, nesse caso... trinta anos - foi a resposta.

"Ora, então porquê? Primeiro diz 10 anos, e quando me ofereço para trabalhar duas vezes mais, você diz-me que demorará três vezes mais... Deixe-me ser claro, eu farei tudo o que for preciso para aprender, trabalharei incessantemente mas não tenho muito tempo!" Resmungou Matajuro.

"Se assim é, 70 anos..." Disse Banzo, e continuou: "Um homem ansioso por resultados não consegue aprender rapidamente, pois com um olho fixo no destino, só resta um olho para encontrar o caminho."



Percebendo que estava a ser repreendido pela sua impaciência, Matajuro sabiamente deixou de argumentar pedindo a Banzo simplesmente que o aceitasse como aprendiz.

Banzo anuiu, com a condição de Matajuro estar proibido de sequer tocar na katana ou mesmo falar em defesa. Ao invés disso, foi posto a trabalhar cortando madeira, cozinhando, lavando roupas e limpando a cabana numa jornada que se estendia do amanhecer até altas horas da noite. Banzo raramente lhe dirigia a palavra e em momento algum referiu-se a kenjutsu.

Um ano havia passado, e a frustração de Matajuro crescia, começando a suspeitar que tinha sido enganado para tornar-se criado de um velho demente. Juntamente com a sua frustração começou também a carregar raiva, e certa manhã, enquanto cortava lenha furiosamente começou a pensar em procurar outro mestre.

"Com certeza haveria dezenas de mestres que se sentiriam muito honrados em tomar um membro do clã dos Yagyu como aprendiz", concluiu com amargura ao ver a pilha de madeira ainda por ser cortada, e enterrou a lâmina do machado com fúria, como se naquele gesto encontrasse cura para seus problemas.

Não reparou que não estava sozinho até sentir um violento golpe que o enviou de encontro à pilha de madeira. Confuso, olhou em seu redor, para ver o velho mestre brandindo uma vara de bambu verde sobre a sua cabeça. Sem uma única palavra, Banzo virou-lhe as costas e desapareceu na mata tão silenciosamente como surgira, levando Matajuro a concluir que estava a ser punido por falhar nas suas tarefas.

O seu sangue samurai ferveu de vergonha por ter negligenciado as suas responsabilidades, mesmo estando este a planejar deixar o velho louco.

Depois de se levantar, Matajuro acabou de cortar a lenha, decidindo que a sua próxima tarefa, a última daquele dia, haveria de ser executada com tanto esmero que o mestre não acharia a menor falha no seu trabalho.

Assim, algumas horas depois, enquanto esfregava as roupas junto à cascata, Banzo atacou novamente, atirando Matajuro para dentro de água:

- Você deseja aprender kenjutsu, mas não consegue desviar-se do golpe de uma vara de bambu! - escarneceu o velho.

O orgulho aristocrático de Magyu Matajuro inflamou uma vez mais e, tendo ele deixado a casa paterna prometendo voltar somente quando pudesse provar ao pai o grande espadachim que se tornara, decidiu ficar no santuário de Nachi para provar ao velho que estava errado.

Assim decidido, começou a concentrar-se: independente do que estivesse a fazer no momento, estava sempre preparado para um ataque surpresa. Banzo atacou cinco vezes por dia, então dez, então vinte; sempre quando o seu aprendiz estava ocupado com outra coisa. Era tão silencioso que o único alerta podia ser o farfalhar do manto ou o sibilar da vara de bambu cortando o ar. Estivesse o aprendiz semeando o jardim, lavando a roupa nas cascatas, consertando o telhado da cabana; Matajuro estaria sempre ocupado com uma tarefa ou outra, preparado para saltar ao menor ruído assim evitando mais e mais golpes dirigidos a ele.



Quando Banzo constatou que já não conseguia sequer tocar o pupilo com a vara por vários meses, mudou de estratégia: em adição aos assaltos diurnos, começou a atacar Matajuro enquanto este dormia.

O jovem precisou redobrar seus esforços, aprendendo a ter um sono leve, com o subconsciente sempre em alerta. Amargamente constatou que quanto mais bem sucedido era em evitar a vara de bambu, mais frequentemente esta o buscava: setenta, oitenta, cem vezes ao dia e à noite, o mestre irrompia como um fantasma para o atacar. Mas cada vez se tornava mais difícil para Banzo flagrá-lo num momento de desatenção, pois os instintos do jovem estavam já achavam aguçados num nível quase sobrenatural.



Certa noite, quatro anos depois de ter chegado ao santuário, Matajuro estava a preparar um chirashizushi, um cozido de arroz e vegetais. Pelava cuidadosamente um ramo de bardanas quando Banzo surgiu pelas suas costas. Sem deixar cair os vegetais ou erguer-se da posição de cócoras em que se achava junto ao fogo, Matajuro arrebatou a tampa de um vaso com a mão livre defendendo-se desta forma enquanto com a outra continuava cozinhando tranquilamente.

Naquela noite, Banzo presenteou o seu pupilo com um certificado de proficiência na arte da defesa e uma antiga katana. Matajuro já não precisava de nenhum dos dois. Sem ter tido uma lição formal sequer, e jamais tendo empunhado uma arma, havia atingido o mais alto nível do bugei (conjunto de técnicas usadas pelos samurai): era um mestre do zanshin (um estado relaxado de alerta).

FIM

終わり